

14738 - Extensão rural no oeste catarinense: o contato entre extensionistas e agricultores

The rural extension in the west of Santa Catarina: the contact between extension officers and farmers

BERNARDI, Daiane¹; CAVALLET, Bruna Valêncio¹; CORONA, Jéssica Mori ¹; DA COSTA, Thiago¹; JUCHEM, Fernando¹; MUNARETTO, Debora¹; TEDESCO, Chanaísa¹; MARIANO DA SILVA, Samuel Gislon²

¹Acadêmicos do curso de Agronomia, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – *campus* Chapecó. daiane_ber@hotmail.com, brunacavallet@hotmail.com, jessicamori@outlook.com, thiago3990@hotmail.com, juchemgba@yahoo.com.br, deboramunaretto@outlook.com, chanaisatedesco@hotmail.com, ²Eng^o. Agr^o. Prof. Adjunto II - Curso de Agronomia, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Chapecó; samuel.silva@uffs.edu.br.

Resumo: A assistência técnica e extensão rural (Ater) tem como principal objetivo estimular e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, proporcionando através do aperfeiçoamento dos sistemas de produção e a melhoria da qualidade de vida das famílias rurais, visando o fortalecimento da agricultura familiar. Com as frequentes críticas direcionadas ao sistema de Ater, o presente trabalho tem por objetivo analisar o grau de satisfação dos produtores e extensionistas quanto ao serviço de Ater prestado por diversas instituições no Oeste de Santa Catarina. A metodologia utilizada constituiu da aplicação de uma entrevista semiestruturada, com 8 extensionistas e 12 agricultores, sendo os resultados agrupados conforme a similaridade das perguntas e respostas. Através do presente trabalho conclui-se que o fator limitante para o suprimento da demanda por Ater é a baixa quantidade de extensionistas.

Palavras-chave: agricultura familiar; assistência técnica; entrevista semiestruturada.

Abstract:

The technical assistance and rural extension (Ater) has as its main objective stimulate and support sustainable rural development initiatives, providing through the improvement of the production systems, a better quality of life for rural families, aiming the strengthening of the family farming. With the frequent criticisms directed towards the Ater system, the present study aims to analyze the degree of satisfaction of farmers and extension officers according to the Ater service provided by various institutions in western Santa Catarina. The applied methodology consisted of applying a semi-structured interview, with 8 extension officers and 12 farmers, having the results grouped according to the similarity of the questions and answers. Through this work it is concluded that the limiting factor to supply the demand for Ater is the low amount of extension officers.

Keywords: family farming; technical assistance; semi-structured interview.

Introdução

Os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) são essenciais para o desenvolvimento do meio rural. Estes serviços têm a função de aperfeiçoar os sistemas de produção e garantem ao produtor acesso a recursos financeiros, estabelecendo maior contato entre o agricultor, sua unidade produtiva e os centros de pesquisa e ensino. Esses fatores tornam possível identificar as necessidades e potencialidades de cada região produtiva e de cada unidade familiar levando assim a um maior desenvolvimento rural.

Segundo Dias (2008), desde o surgimento da extensão rural no Brasil, no final da década de 1940, esta passou por diversas orientações políticas, variando concepções, missões institucionais, métodos de intervenção, público preferencial e capacidade de operação. Nos últimos anos, os serviços de Ater vêm novamente passando por mudanças significativas¹, determinadas por inovações nas políticas públicas de promoção do desenvolvimento rural.

Os serviços públicos de Ater têm por objetivo geral estimular e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural, que visem o fortalecimento da agricultura familiar, a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia em suas ações.

O objetivo do presente trabalho foi verificar a situação da assistência técnica e extensão rural no Oeste de Santa Catarina, prestada por instituições públicas, privadas e ONGs, através do nível de satisfação dos extensionistas e dos agricultores assistidos.

Metodologia

Os questionários da entrevista semiestruturada foram elaborados por acadêmicos do curso de Agronomia, com ênfase em Agroecologia, da Universidade Federal da Fronteira Sul, baseados na nova lei de Ater e à realidade rural do Oeste Catarinense, sendo um deles direcionado aos extensionistas de instituições públicas, privadas e ONGs (Quadro 1), contendo 13 perguntas e outro para agricultores (Quadro 2), contendo 11 questões.

QUADRO 1: Questionário 1 – Aplicado aos Extensionistas:

1. O extensionista vai ao agricultor, ou vice-versa?
2. A quantidade de extensionistas supre a demanda dos agricultores?
3. Quais as principais atividades desenvolvidas pelos agricultores atendidos?
4. Há o interesse por parte desses de desenvolverem novas atividades, diversificar a Produção?
5. Os agricultores procuram assistência técnica na área de produção agroecológica e sustentável?
6. A forma de trabalho dos agricultores, normalmente, é em grupos ou individual?
7. As atividades desenvolvidas pelo público alvo são atendidas pela instituição?
8. Qual a forma de organização da assistência (programas ou projetos) e quais são eles?
9. Quem elabora os programas e/ou projetos e de onde vêm os recursos? Como é a divulgação dos programas?
10. Você tem liberdade total para realizar seu trabalho?
11. Quais as maiores dificuldades encontradas dentro do órgão?
12. Quais as maiores dificuldades encontradas na relação técnico/agricultor?

¹ A Lei 12.188, de 11 de janeiro de 2010 instituiu a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária - PNATER e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária - PRONATER, altera a Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993.

QUADRO 2. Questionário 2 – Aplicado aos agricultores:

1. É o agricultor que procura a assistência ou vice-versa?
2. A qualidade da assistência é satisfatória?
3. Qual a frequência das visitas?
4. Como é o acesso aos programas? É muito burocrático?
5. Esses programas satisfazem suas necessidades?
6. Como você fica sabendo dos programas?
7. Qual o tempo para ser beneficiado pelos programas?
8. Faria diferença se não existisse a assistência?
9. Quais as maiores dificuldades encontradas na relação com os extensionistas?
10. Os extensionistas buscam desenvolver novas atividades, estimular o Agricultor a novos nichos de mercado?
11. Há incentivo, por parte dos extensionistas, para uma transição Agroecológica, ou até uma produção mais sustentável?

Os respectivos questionários foram aplicados durante o VI Seminário Estadual de Agroecologia, realizado nos dias 23 e 24 de maio de 2013 no município de Pinhalzinho – SC. Todos os 20 entrevistados, sendo 8 extensionistas e 12 agricultores, foram escolhidos ao acaso.

Resultados e discussões

As respostas obtidas foram registradas conforme o depoimento dos agricultores e extensionistas e analisadas posteriormente pelo grupo. Os resultados foram agrupados conforme a similaridade das perguntas e respostas.

Em relação às questões 1 e 2 aplicadas aos extensionistas o que se obteve foi que, a assistência técnica é bastante procurada pelos agricultores, assim como, os extensionistas também vão até a propriedade. Entretanto, observaram-se algumas exceções no qual os agricultores com menores condições financeiras pouco procuram assistência técnica por dificuldades de se deslocar até o escritório local, sendo necessário que os extensionistas se desloquem até eles. Porém os extensionistas são poucos e não conseguem atender a todos.

Segundo as respostas das questões 3, 4, 5, 6 e 7, a maioria dos agricultores atendidos pelos extensionistas desenvolvem diversas atividades agrícolas, onde a maioria trabalha individualmente, com mão de obra familiar, e participam de organizações de agricultores. A procura de assistência técnica para a diversificação da produção é grande, visto que a maioria deseja obter conhecimentos referentes à olericultura orgânica e agricultura de subsistência. A demanda por uma produção sustentável vem aumentando conforme os agricultores obtém conhecimento sobre o assunto, uma vez que, muitos já agregam isso em suas propriedades com a utilização de adubação orgânica e cobertura de solo. Nem todas as atividades desenvolvidas pelos agricultores são atendidas, pois parcialmente o que ocorre é a “falta de prioridade do próprio órgão”, em que muitas vezes a ênfase é dada as atividades de maior demanda.

Para as questões 8, 9 e 10, os extensionistas responderam que a assistência técnica e extensão rural estão organizadas em forma de programas que são definidos por órgãos superiores e os projetos são propostos por extensionistas e pesquisadores, divulgados em dias de campo, palestras, entrevistas em rádios, eventos de confraternização, reuniões com as comunidades. Destes, alguns são

referentes à produção de leite no sistema de Pastoreio Racional Voisin, agroecologia, metodologia participativa e Microbacias, mas a falta de corpo técnico dificulta a execução dos mesmos. Os recursos podem ser internos ou externos, e as ações podem ser em conjunto com as prefeituras.

Respondendo as questões 11, 12 e 13 em relação às suas condições de trabalho, foi relatado que os extensionistas possuem liberdade em partes para executá-los, pois algumas deliberações já vêm definidas no próprio programa e outras são decididas em reuniões, apenas um dos entrevistados afirmou ter bastante liberdade para realizar seu trabalho.

Em relação às questões 1, 2 e 3 do questionário aplicado aos agricultores, à maioria dos entrevistados afirmou que normalmente são eles que devem procurar os extensionistas, apesar de que atualmente há maior preocupação por parte dos agentes da extensão rural em atender o agricultor. Alguns informaram não receber visitas dos extensionistas, outros afirmaram que raramente a recebem, e outra parcela de agricultores informou que recebem visitas periódicas ou quando solicitadas. Há também quem prefira a assistência técnica de instituições privadas. Quando questionados sobre a qualidade da assistência técnica prestada, observa-se distinção entre as respostas, com alguns expressando satisfação, enquanto outros afirmando não estar satisfeitos.

Para as questões 4, 5, 6 e 7, os agricultores relataram que buscam os programas do governo por meio dos sindicatos, rádio, TV e reuniões realizadas pelos extensionistas, mas ainda disseram que falta empenho por parte dos extensionistas para levar novas informações ao homem do campo. Afirmaram que encontram muita burocracia para se inserir em programas governamentais, além de enfrentar grande dificuldade em se enquadrar nesses programas, além do longo tempo de espera para ser beneficiado, mas que esse tempo é variável entre os programas ofertados. Segundo os agricultores, os programas governamentais em si são satisfatórios, porém a burocracia e a falta de extensionistas tornam-se um empecilho.

Em resposta às questões 8, 9 e 10, tanto os agricultores que são devidamente atendidos pelos extensionistas, como aqueles que não são, julgaram ser muito importante à assistência técnica de qualidade. Dentre as dificuldades encontradas na relação com os extensionistas, os agricultores apontaram a indisponibilidade de tempo, uma vez que a maioria dos municípios possui apenas um extensionista para atender a demanda de todos os agricultores do local. Segundo Caporal (2006) houve uma ampliação no número de profissionais que atuam em empresas estatais de Ater nos últimos anos, mas esse aumento ainda não foi o suficiente. Os agricultores entrevistados destacaram a receptividade dos extensionistas, o profissionalismo em não impor situações que possam beneficiar interesses pessoais. Para Caporal e Ramos (2006) um dos novos desafios da Ater pública diz respeito ao processo de gestão, onde é necessário introduzir na prática de gestão formas de participação que permitam compartilhar e distribuir o poder. Não obstante o interesse dos extensionistas em apresentar novas alternativas de mercado. Porém essas afirmações não representam todos os agricultores, uma vez que alguns agricultores criticaram a postura de determinados extensionistas em não acreditar na agroecologia.

A questão 11 apresentou diferentes respostas. Segundo uma pequena parcela de agricultores entrevistados, os extensionistas não incentivam os agricultores a transição do sistema convencional para o agroecológico e até possuem parceria com instituições privadas, por outro lado, 9 dos 12 entrevistados, afirmaram que os extensionistas incentivam o processo de transição, no entanto alguns relataram tal transição ser inviável devido à pouca disponibilidade de mão de obra.

Conclusões

Após avaliação de todas as respostas obtidas nas entrevistas semiestruturadas, pode-se concluir que extensionistas e agricultores partilham a mesma opinião quando se trata da baixa quantidade de extensionistas disponível em cada município, conseqüentemente a sobrecarga de trabalho sobre eles e o não suprimento da demanda municipal influencia na qualidade da assistência técnica prestada. O espaço físico e a infraestrutura disponíveis dificultam a realização de atividades envolvendo a participação de agricultores, e também as políticas de Ater definidas pelas instituições públicas e privadas nem sempre vão ao encontro da necessidade dos agricultores.

Os agricultores criticaram a frequência com que recebem visitas técnicas nas propriedades, que segundo eles, são insuficientes, mas quando a solicitam, recebem assistência técnica qualificada. Com tudo verificaram-se críticas contundentes quando a assistência técnica vem acompanhada de interesses pessoais ou empresariais.

Outra questão importante apontada pelos agricultores é a transição do sistema convencional de cultivo para o sistema agroecológico. Dos doze agricultores entrevistados, oito afirmaram não ter interesse em modificar o sistema de produção devido à comodidade que a agricultura convencional tem proporcionado. No entanto, três demonstraram interesse em modificar o sistema de cultivo, porém esbarram na ausência de mão de obra, e apenas um afirmou já ter estabelecido o sistema de produção orgânico/agroecológico e garante estar satisfeito com a mudança e com a assistência técnica recebida.

Referências bibliográficas

- CAPORAL, F. R. Política Nacional de Ater: primeiros passos de sua implementação e alguns obstáculos e desafios a serem superados. In: RAMOS, L.; TAVARES, J. (Org.). **Assistência Técnica e Extensão Rural: construindo o conhecimento agroecológico**. Manaus: Ed. Bagaço, 2006. p. 9-34.
- CAPORAL, F. R.; RAMOS, L. F. Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia. In: MONTEIRO, D.M.C.; MONTEIRO, M. A. **Uma nova assistência técnica e extensão rural**. Belém: UFPA/NAEA, 2006.
- DIAS, M. M. **Políticas Públicas de Extensão Rural e Inovações Conceituais: Limites e potencialidades**. Perspectivas em Políticas Públicas, Belo Horizonte. Vol. 1, nº. 1, p. 101-114, Jan/Jun. 2008. Disponível em: <<http://www.pppfapp.org/pdf/artigo4ppp1.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2013.